


unesp  **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara – SP

FERNANDA FERRARI RUIS

SER MENINO E MENINA, PROFESSOR E PROFESSORA NA EDUCAÇÃO
INFANTIL: um entrelaçamento de vozes



ARARAQUARA – S.P.
2015

FERNANDA FERRARI RUIS

**SER MENINO E MENINA, PROFESSOR E PROFESSORA NA EDUCAÇÃO
INFANTIL:** um entrelaçamento de vozes

Trabalho de Dissertação de Mestrado, apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Sexual.

Linha de pesquisa: Desenvolvimento, sexualidade e diversidade na formação de professores

Orientadora: Prof^a Dr^a. Marcia Cristina Argenti Perez

ARARAQUARA – S.P.
2015

Ruis, Fernanda Ferrari

Ser menino e menina, professor e professora na
Educação Infantil: um entrelaçamento de vozes /
Fernanda Ferrari Ruis – 2015

224 f.

Dissertação (Mestrado Profissional em Educação
Sexual) – Universidade Estadual Paulista "Júlio de
Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras
(Campus Araraquara)

Orientador: Marcia Cristina Argenti Perez

1. Relações de gênero. 2. Infância. 3. Docência. 4.
Educação Infantil. 5. Educação Sexual. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada pelo sistema automatizado
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

FERNANDA FERRARI RUIS

**SER MENINO E MENINA, PROFESSOR E PROFESSORA NA EDUCAÇÃO
INFANTIL: um entrelaçamento de vozes**

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Programa de Pós em Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Sexual.

Linha de pesquisa: Desenvolvimento, sexualidade e diversidade na formação de professores

Orientadora: Prof^a Dr.^a Marcia Cristina Argenti Perez

Data da defesa: 18/09/2015

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Prof.^a Dr.^a Marcia Cristina Argenti Perez
Universidade Estadual Paulista – Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara

Membro Titular: Prof.^o Dr. Fábio Tadeu Reina
Universidade Estadual Paulista – Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara

Membro Titular: Prof.^a Dr.^a Luciana Ponce Bellido Giraldi
Fundação Carlos Chagas

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

À minha mãe e ao meu pai, Izabel e João Augusto, pelo amor incondicional.

Às minhas queridas irmãs, Amanda e Bianca.

Ao meu noivo Daniel.

COM TODO MEU AMOR E GRATIDÃO

Gosto muito de ler os agradecimentos das dissertações e teses. Acredito que revelam os sentimentos nutridos por pessoas especiais que estiveram ao lado, direta ou indiretamente, ao longo de mais uma etapa vencida.

Agora me vejo no desempenho dessa tarefa. É chegado o momento de ser grata às pessoas que de alguma forma compartilharam e contribuíram para a realização deste estudo.

Trago em meu coração pessoas especiais que trilharam comigo este caminho e pelas quais nutro um profundo sentimento de gratidão. Agradeço, assim,

A Deus e a Nossa Senhora Aparecida, pelo dom da vida, por conceder sabedoria nas escolhas dos melhores caminhos, força para não desanimar e proteção para me amparar.

À Professora Dra. Marcia Cristina Argenti Perez, orientadora querida, pela amizade, pela presença carinhosa em momentos importantes de minha vida e que, muitas vezes, extrapolaram o universo acadêmico. Pela paciência, confiança, dedicação, competência e, sobretudo, pelas orientações preciosas e fundamentais para a realização deste estudo. A você, minhas reais manifestações de admiração e respeito. Serei eternamente grata.

À Professora Dra. Maria Betanea Platzner e ao Professor Dr. Fábio Tadeu Reina pela gentileza e por contribuírem para o aprimoramento deste trabalho na ocasião do exame de qualificação.

Ao Professor Dr. Fábio Tadeu Reina e à Professora Dra. Luciana Ponce Bellido Giraldi por aceitarem participar da banca de defesa.

Agradeço de modo especial, à Professora Dra. Andreza Marques de Castro Leão, pelo carinho, pela amizade e, sobretudo, pela confiança. Pelas ricas contribuições e sugestões que, certamente, foram de grande valia para a realização desta pesquisa. Registro meu carinho e admiração.

Aos meus pais, Izabel e João Augusto, por nunca medirem esforços para que eu pudesse estudar. Pelos incentivos, pelas orações, pelas preocupações, pelo amor incondicional, pela

compreensão e pela presença constante em minha vida. Por me ensinarem a seguir meus ideais com dedicação e coragem. Minhas referências!

Às minhas queridas irmãs, Amanda e Bianca, pelo carinho, pelo apoio, pelo incentivo e por compreenderem as minhas ausências.

Ao meu querido noivo, Daniel, que pacientemente acompanhou a construção deste trabalho e me amparou nos momentos de dúvidas e angústias. Obrigada pelo amor, cuidado, carinho e compreensão.

À minha prima e amiga Cássia Adriana, pela torcida sincera pela finalização desta dissertação, pelo carinho, apoio e incentivo constantes. Obrigada por tudo!

Aos meus avós, Aparecida e João Batista, avô Abílio (sempre presente), pelo amor e pelo apoio, em especial à minha avó Angelina, querida vó Nena (sempre presente em nossos corações), que acompanhou apenas o início desta labuta; obrigada pelas preocupações e orações e, sobretudo, por me ensinar a ter fé na vida.

Aos meus familiares, primos, primas, tios, tias, cunhados, cunhadas, não poderia deixar de registrar o meu afeto. Obrigada pela solidariedade e por compreenderem a minha ausência em festinhas, reuniões, entre outros momentos.

Ao Padre Batista, pelos momentos de escuta e pelas orações. Obrigada pelas palavras de conforto e de incentivo.

À professora Carmen Pizzo Baccarin, por verter para o “bom português” o texto da versão final desta dissertação. Agradeço a ajuda e o carinho.

“Quem tem um amigo, mesmo que um só, não importa onde se encontre, jamais sofrerá de solidão; poderá morrer de saudades, mas não estará só” (Almyr Klink).

À minha querida amiga Beatriz de Moraes Salles Formigoni Cardinali, amiga amada, amizade mais verdadeira não há! É difícil encontrar palavras para lhe agradecer. Obrigada pelas orações, por estar sempre presente apesar da distância, pela atenção e carinho quando a procuro

em minhas inquietações pessoais, intelectuais e profissionais e por compartilhar momentos de alegrias. Minha eterna gratidão a você, minha doce amiga.

Às amigas da República Fada Verde: Ana Priscila Beloto, Beatriz de Moraes Salles Formigoni Cardinali, Carolina Modena da Silva, Caroline Castro Costa, Debora Furlan Rossini, Jessica Romanin Mattus, Mariana Pratt e Natália Corveloni Monteiro, minhas irmãs de coração, com quem tive a oportunidade de conviver diariamente em Araraquara e que, mesmo à distância, torceram por mim. Obrigada pelo crescimento proporcionado, apoio e amizade sincera.

Às minhas queridas amigas, companheiras de orientação e estudo, Andréia Serrano Cayres Rapatão e Daniela Arroyo Fávero Moreira, que acompanharam de perto este processo tão sonhado e ao mesmo tempo tão árduo. Agradeço pelo carinho, pelo incentivo, pelas dúvidas compartilhadas e pelas valiosas trocas de experiências.

Aos amigos e colegas da Pós-Graduação, em especial à Anne Kariny Lemos Rocha, à Alessandra Munhoz Lazdan, à Ana Márcia de Oliveira Carvalho, à Ana Carolina Pinheiro de Souza e à Débora Brandão Bertolini, por tornar a caminhada mais leve e alegre. Pelas trocas, conselhos, pelos bons momentos vivenciados ao longo desses dois anos de estudo.

Aos amigos e colegas dos tempos da Graduação em Pedagogia, em especial à Alessandra Carvalho de Faria, pelo carinho, por acreditar que essa conquista seria possível, pelo incentivo constante, por toda a ajuda prestada e por ser um exemplo de vencedora. Muito obrigada!

À Fabiana Aparecida Prenhaca Giacometti, Jussara Felipe e Anne Kariny Lemos Rocha, pelas caronas à Araraquara, pelos momentos de escuta e trocas.

“Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas” (Antonie de Saint-Exupéry).

A todos aqueles que me cativaram e que se deixaram cativar...

Aos meus queridos alunos e alunas de ontem, hoje e sempre. Amo cada um de vocês. Que vocês possam crescer e viver em um mundo mais justo e menos desigual.

A todas as meninas e meninos da escola Alfa, que carinhosamente me acolheram e mostraram seus diferentes jeitos de ser criança e de expressar o que pensam e sentem no dia a dia na instituição.

A todas as professoras e membros da equipe escolar da escola Alfa, em especial à professora Valentina e ao professor Eduardo com quem permaneci por mais tempo, pela forma afetiva com que me receberam e pelas contribuições dadas para a realização desta pesquisa.

A equipe diretiva da escola Alfa, que se mostrou prestativa e solidária e fez o possível para que a pesquisa de campo fosse realizada.

De modo geral, é preciso destacar o afeto e a solidariedade das muitas pessoas, sem a ajuda das quais, a execução deste estudo teria sido impossível.

A UNESP – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de Araraquara, por me acolher e por ser responsável pelo meu crescimento intelectual. Quanto orgulho sinto por meu nome fazer parte da história do alunado dessa respeitável instituição de ensino.

Aos professores da Pós-Graduação em Educação Sexual, pelas contribuições significativas para a minha formação. Em especial ao Professor Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro, pela confiança, por compartilhar o seu conhecimento, contribuindo para a minha formação.

Aos professores da Graduação em Pedagogia, especialmente ao Professor Dr. Mauro Carlos Romanatto, pelas dicas preciosas, pelo incentivo, por ser tão humano e carinhoso com os alunos e alunas.

Aos funcionários da Secretaria de Pós-Graduação em Educação Sexual, por serem solícitos e pela gentileza nos auxílios prestados.

Aos funcionários da Biblioteca da FCLAr, pela prontidão e pela competência em nos auxiliar.

Com todos vocês, reparto a felicidade e a satisfação do trabalho concluído.

O MENINO QUE CARREGAVA ÁGUA NA PENEIRA

Tenho um livro sobre águas e meninos.
Gostei mais de um menino que carregava água na peneira.
A mãe disse que carregar água na peneira era o mesmo que roubar um vento
e sair correndo com ele para mostrar aos irmãos.
A mãe disse que era o mesmo que catar espinhos na água
O mesmo que criar peixes no bolso.

O menino era ligado em despropósitos.
Quis montar os alicerces de uma casa sobre orvalhos.

A mãe reparou que o menino gostava mais do vazio do que do cheio.
Falava que os vazios são maiores e até infinitos.
Com o tempo aquele menino que era cismado e esquisito
porque gostava de carregar água na peneira
Com o tempo descobriu que escrever seria o mesmo
que carregar água na peneira.
No escrever o menino viu que era capaz de ser
noviça, monge ou mendigo ao mesmo tempo.
O menino aprendeu a usar as palavras.
Viu que podia fazer peraltagens com as palavras.
E começou a fazer peraltagens.

Foi capaz de interromper o vô de um pássaro botando ponto final na frase.
Foi capaz de modificar a tarde botando uma chuva nela.
O menino fazia prodígios.
Até fez uma pedra dar flor!

A mãe reparava o menino com ternura.
A mãe falou: Meu filho você vai ser poeta.
Você vai carregar água na peneira a vida toda.
Você vai encher os vazios com as suas peraltagens
e algumas pessoas vão te amar por seus despropósitos. (Barros, 1999).

Ruis, F. F. (2015). *Ser menino e menina, professor e professora na Educação Infantil: um entrelaçamento de vozes*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara.

RESUMO

Considerando o gênero como uma construção histórica, cultural e social, o presente estudo objetivou investigar como as relações e representações de gênero são expressas por meninas e meninos, professor e professora no cotidiano de uma escola municipal de Educação Infantil. Porquanto, foram adotadas estratégias de investigação de abordagem qualitativa. Participaram da pesquisa duas turmas de alunos e alunas com idades variando entre quatro e seis anos, bem como o professor e a professora responsáveis pelas mesmas. A coleta de dados abarcou três momentos. Primeiramente o ambiente escolar, sua organização e funcionamento, constituíram o foco de observação, bem como as práticas adotadas pelos docentes e as interações com suas respectivas turmas. Em sequência, a ludicidade foi utilizada como estratégia, a fim de verificar e apreender as relações e representações de gênero reveladas por meninos e meninas. Por meio de entrevistas semiestruturadas, averiguamos os fundamentos e conhecimentos dos docentes acerca do conceito de gênero e como lidam com as relações de gênero expressas pelas crianças. Os dados foram analisados por meio da análise de conteúdo. O entrelaçamento das vozes dos sujeitos envolvidos nos revelaram diferentes modos de ser menino e menina, professor e professora, em suas interações no ambiente escolar, que ultrapassaram os padrões de feminino e de masculino esperados. A pesquisa apontou para lacunas na formação docente no que diz respeito às questões de gênero, diversidade sexual, sexualidade e Educação Sexual. Diante dos resultados alcançados, acreditamos que este estudo possa contribuir para que os professores e as professoras reflitam sobre suas práticas educativas, enxergando as crianças, ouvindo-as em suas necessidades, respeitando suas diferenças e preferências.

Palavras-chave: Relações de Gênero. Infância. Docência. Educação. Educação Infantil. Educação Sexual.

ABSTRACT

Considering gender as a historical building, cultural and social, the present study aimed to investigate how the relations and representations of gender they are expressed by boys and girls and teachers in the daily life a municipal school of early childhood education. Were adopted strategies of research of qualitative approach. The research involved two classes of students, with ages ranging from four to six years, as well as the teachers responsible for the same. The data collection spanned three moments. The first the school environment, its organization and operation, they were the focus of observation. Just like the practices adopted by teachers and the interactions with their respective class of students. In sequence, the playfulness was used as strategy, in order to check and understand the relationships and representations of gender revealed by boys and girls. Through semi-structured interviews, we investigate the fundament and knowledge of the teachers about the concept of gender and how they deal with gender relations expressed by children. The data were analyzed by means of content analysis. The interweaving of voices of the subjects involved revealed different modes be boy and girl, teacher and teacher, in their interactions in the school environment that exceed the standards of female and male expected. In addition to times of conflicts, choices and desires. And yet, the research pointed to gaps in teacher education with respect to gender, sexual diversity, sexuality and Sex Education. Considering the results achieved, we believe that this study can contribute to the teachers reflect on their educational practices, seeing the children, listening to the them in their needs, respecting their differences and preferences.

Keywords: Gender Relations. Children. Teachers. Education. Early Childhood Education. Sex Education.

INTRODUÇÃO



Imagem 1. Desenho da escola. Desenho realizado por Henrique, 5 anos.

INTRODUÇÃO

Diante da difícil tarefa de escrever, nada mais preciso do que iniciar este estudo apresentando o interesse que motivou a sua realização. A princípio, algumas situações vivenciadas enquanto aluna e estagiária do curso de Pedagogia direcionaram o meu olhar para as relações de gênero e poder existentes nas instituições nas quais estagiei. Inserida no contexto da Educação Infantil, durante o período de estágios, notei o quanto o ambiente escolar, desde muito cedo, é permeado por essas relações. O fato de as professoras - escrevo no feminino, pois não havia professores homens atuando na rede de ensino no ano em que o estágio foi realizado – considerarem o sexo como um critério de organização de brincadeiras, rotinas e práticas docentes era algo que me intrigava. Todavia, apesar da inquietação causada, simultaneamente, esses comportamentos e atitudes das docentes pareciam-me uma prática comum, sem tanta importância, talvez pelo fato de ter recebido uma educação muito próxima disso ao longo de minha escolarização, ou mesmo por me deixar levar pela visão simplista do senso comum. Fico surpresa ao escrever isso neste momento, uma vez que, considero a temática das relações de gênero extremamente importante e a sua reflexão tão necessária no âmbito educacional de um modo geral.

Mais tarde, ao retornar ao ambiente escolar, porém, desta vez como professora de uma turma de alunos e alunas com três anos de idade e recém-formada, deparei-me com novas experiências no universo da Educação Infantil. As situações envolvendo diferenciações entre meninos e meninas passaram a chamar ainda mais a minha atenção. Além disso, na contramão das práticas desiguais observadas, não percebia qualquer separação espontânea entre as crianças da minha turma, algo que levava a questionar até que ponto os desejos e as preferências das crianças estavam sendo respeitadas. Como professora, voltei o meu olhar para as crianças e passei a escutá-las.

Neste contexto, uma situação que causou mais inquietação acerca das questões de gênero, foi quando uma aluna da turma de cinco anos se recusou a fazer aulas de ballet e demonstrou interesse em participar das aulas de futebol, algo permitido somente aos meninos. Também era comum ver colegas de trabalho relutando com alunos que queriam vestir fantasias de personagens femininos nos momentos de brincadeira. Durante conversas informais essas crianças eram tratadas como “casos” a serem observados, tratados; a orientação sexual dessa menina e desses meninos era questionada com frequência. Essas questões me instigaram a buscar explicações plausíveis que permitissem uma compreensão desses comportamentos considerados como desvios, explicações que superassem o senso

comum. Portanto, o interesse pela pesquisa surgiu a partir de minhas próprias necessidades formativas.

Estamos constantemente sendo ensinados a ser menino ou a ser menina, a ser homem ou a ser mulher, e isso ocorre através dos discursos hegemônicos oriundos dos diversos agentes de socialização. Essas padronizações muitas vezes nos levam a acreditar na existência de uma única forma de ser menino, de ser homem, e em uma única forma de ser menina, de ser mulher, bem como em uma única forma de vivenciar a sexualidade. Em vista disso, qualquer modo diferente de ser que não seja condizente com esses padrões é considerado como anormal, problemático, como um “caso” ou mesmo como patológico. A família, a escola, os meios de comunicação, enfim, os diferentes agentes de socialização, reproduzem e acabam por reforçar as idealizações de feminino e de masculino, demonstrando certa dificuldade em abranger ou aceitar a diversidade das identidades de gênero.

Consideramos que a sexualidade e o gênero não se limitam apenas às representações que as associam aos órgãos genitais; elas permeiam o pensamento e o sentimento, estão presentes no corpo, no olhar, no toque, na libido, nas mais diversas formas de relações entre os sujeitos. Assim, abrangem o corpo como um todo e se manifestam e se constituem no decorrer da vida.

Destarte, entendemos o gênero como uma condição social pela qual os indivíduos são identificados como homens e mulheres, e a sexualidade como a forma cultural pela qual os sujeitos vivem seus desejos e prazeres corporais. Desse modo, sexualidade e gênero estão intrinsecamente vinculados (Finco, 2013b).

Antes mesmo do nascimento, a sexualidade e, concomitantemente, as identidades de gênero, têm início e são constituídas, a princípio, no bojo familiar, por meio dos seus valores, pudores, conceitos e relações interpessoais (Silveira, 2010). Em seguida, recebem influências das mais diversas instâncias sociais, entre elas, a mídia televisiva e a escola.

De acordo com Guizzo (2005), as propagandas televisivas e demais anúncios imagéticos, além de objetivarem a venda dos produtos, buscam vender estilos de vida, apresentam padrões e uma visão de mundo socialmente desejáveis. Tais padrões são, muitas vezes, incorporados pelas crianças que, considerando-os como atributos naturais do ser humano, aprendem desde tenra idade modos idealizados de ser menina e de ser menino.

Contudo, não podemos desconsiderar o fato de que as crianças são indivíduos ativos e, por isso, participam do processo de constituição de suas identidades. Conforme o enfoque da Psicologia Histórico-Cultural (Vigotski, 2007), a criança, por meio de suas interações e

relações sociais, se apropria do patrimônio historicamente acumulado e assim, das diferentes regras, valores e costumes.

Neste sentido, acreditamos que a instituição de Educação Infantil, em especial, por se tratar de um espaço coletivo voltado à educação e ao convívio de crianças pequenas, deve ser um espaço propício para que se estabeleçam reflexões acerca do respeito à diversidade, bem como para favorecer a diversidade das infâncias (Finco, 2013b).

Todavia, a escola muitas vezes reforça os estereótipos femininos e masculinos, os quais corroboram para a perpetuação do preconceito e do sexismo (Leão, 2012). A dicotomia homem e mulher, cada vez mais presente e precoce em nossa sociedade, exerce um papel significativo no modo como as crianças são educadas.

Estamos vivendo um tempo marcado pela existência de uma diversidade de identidades; faz-se necessário nos atentarmos a isso (Louro, 2008). Nesta perspectiva, discorrer acerca das diferentes formas de ser menino e de ser menina é essencial para romper as dicotomias e padronizações feitas pela mídia, pela escola e pela sociedade em geral.

A escolha do poema de autoria de Manoel de Barros (1999), “O menino que carregava água na peneira”, para abrir este estudo está justamente vinculada às nossas concepções e objetivos. O poema nos remete a diferentes formas de ser, de ser humano, de ser quem realmente desejamos, ou simplesmente quem conseguimos ser em nossa inteireza; mostra-nos as diferentes formas de ver, de olhar, de enxergar.

Assim, esta pesquisa tem como propósito contribuir para que a escola de Educação Infantil seja vista como uma instituição capaz de sobrepujar estereótipos e binarismos referentes às questões de gênero. Consideramos a pré-escola como um espaço para fazer peraltagens, um espaço oportuno para descobrir e desenvolver as diferentes potencialidades. Um espaço para expressar-se, para experimentar, para vivenciar, para acertar, errar, criar, construir, chorar, sorrir, e sobretudo, aceitar e ser aceito!

Estudos de Rosemberg (2001), Arce (2001), Vianna e Finco (2009), Silva e Luz (2010), Faria (2002), Ruis e Perez (2013a), entre outros, apontam para a escassez de pesquisas que abarquem a temática de gênero na Educação Infantil, dentre elas, poucas envolvem a infância e a criança.

Portanto, as dificuldades apresentadas por profissionais da Educação Infantil, em especial pelos professores e pelas professoras, bem como pelas famílias, em lidar com as múltiplas identidades de gênero e manifestações sexuais das crianças, somadas à carência de estudos que abarquem as relações de gênero e infância no contexto da Educação Infantil, assinalam para a relevância do desenvolvimento desta pesquisa.

Consideramos de fundamental importância a realização de pesquisas abrangendo as questões de gênero na infância como forma de contribuir para que os conhecimentos trabalhados nas instituições pré-escolares estejam adequados à realidade e às necessidades das crianças.

Tendo em vista essas premissas, partimos do pressuposto de que a sexualidade e o gênero são construídos historicamente e culturalmente por meio das relações sociais e, por isso, estão em constante processo de transformação. E, sobretudo, partimos da concepção de criança como indivíduo capaz, portador de história e produtor de cultura, ativo e crítico de seu tempo, como indivíduo dotado de potencialidades.

OBJETIVO GERAL

Diante do exposto, o objetivo central desta pesquisa consiste em investigar as relações e representações de gênero expressas por meninos e meninas, professor e professora, como atores sociais, no cotidiano de uma escola municipal de Educação Infantil, localizada em uma cidade do interior paulista.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Analisar a organização da instituição pesquisada e as práticas cotidianas adotadas: se considera o sexo como um critério para a organização e utilização dos tempos e espaços;
- Averiguar as práticas educativas adotadas pelo professor e pela professora frente às questões de gênero, se há uma intencionalidade neste sentido;
- Aprender as representações de gênero reveladas por meninos e meninas em suas interações no ambiente escolar da Educação Infantil – em situações lúdicas propostas e previamente planejadas pela pesquisadora –, ouvindo as crianças;
- Verificar as construções, os fundamentos e os conhecimentos sobre gênero nos quais se apoia o professor e a professora de cada turma para lidar com as relações de gênero na infância;
- Entrelaçar as vozes dos diferentes sujeitos envolvidos, ou seja, meninos e meninas, professor e professora, bem como suas práticas em relação a gênero.

Em concomitância com os objetivos supracitados, nesta pesquisa voltamos o nosso olhar para a constituição dos gêneros no cotidiano de uma pré-escola e evidenciamos o processo de produção e reprodução do feminino e do masculino em seu interior, a fim de

descortinar as diferentes formas de ser professor e ser professora, ser menino e ser menina na Educação Infantil.

Ao abordar como ocorre a constituição dos gêneros nas diferentes instâncias, indissociavelmente, nos remetemos à constituição da sexualidade e às práticas de Educação Sexual implícitas nesses processos de construção.

Frente ao exposto, a pesquisa está apresentada da seguinte forma:

Na primeira seção, “Sexualidade, gênero e Educação Sexual: delineando conceitos, estabelecendo articulações”, apresentamos uma reflexão teórica acerca dos conceitos de sexualidade, gênero e Educação Sexual, como conceitos sociais e culturais historicamente construídos, buscando estabelecer articulações entre os mesmos. Visamos tecer uma discussão sobre as relações de gênero, ressaltando a importância de pensarmos esse tema no âmbito da educação escolar, em especial, da Educação Infantil, na constituição de identidades femininas e masculinas, nas práticas docentes e nas expressões de meninos e meninas.

Na segunda seção, intitulada “Gênero, docência e infância”, arrolamos sobre as questões de gênero envolvendo a docência e o seu processo de feminização. Adentramos brevemente na história da infância e da criança como forma de compreender os conceitos de criança e infância empregados nesta pesquisa. Assim, nos apoiamos na visão defendida pela Sociologia da Infância e pela Psicologia Histórico-Cultural, na qual não existe apenas uma infância e criança universal, mas infâncias e crianças, sendo esses conceitos construídos ao longo da história por meio de processos sociais e culturais. Traçamos um panorama dos estudos que vêm sendo desenvolvidos na área da Educação e que relacionam gênero e infância.

Na terceira seção apresentamos os procedimentos teórico-metodológicos da pesquisa, realizada em uma escola municipal de Educação Infantil, envolvendo duas turmas de alunos e alunas com idade entre quatro e seis anos e o professor e a professora responsáveis pelas mesmas. Descrevemos brevemente a instituição de ensino pesquisada, o espaço físico, os sujeitos da pesquisa, a trajetória percorrida, bem como os instrumentos utilizados na coleta de dados, o levantamento, a organização e as formas de análises dos dados. Para a realização deste estudo, adotamos estratégias de investigação de caráter qualitativo, de cunho etnográfico. Buscamos a contribuição dos referenciais teóricos da Sociologia da Infância e da Psicologia Histórico-Cultural que nos auxiliaram a compreender as interações entre meninos e meninas, entre professores e professoras, considerando a criança como ator social e participante ativo da sociedade.

Na quarta seção, sob o título “Ser professor e ser professora na Educação Infantil”, apresentamos algumas características do professor e da professora pesquisados por meio de elementos que apreendemos em suas narrativas acerca de suas trajetórias profissionais. Além disso, destacamos alguns momentos relevantes de suas histórias de vida e profissional como a opção pela formação em Pedagogia, a escolha pela carreira de educador/a infantil e as primeiras experiências docentes. Ainda nesta seção, buscamos compreender como o/a docente organiza sua prática pedagógica, se há uma intencionalidade ou não em dispensar um tratamento diferenciado para meninas e meninos, se percebem diferenças na personalidade infantil e se possuem expectativas quanto aos modos de ser menina e ser menino em suas práticas cotidianas. As concepções do professor e da professora acerca do gênero e da infância, bem como sobre o seu papel na condição de educador/a sexual também foi algo investigado.

Na quinta seção, “Ser menino e ser menina na Educação Infantil: a voz das crianças”, caracterizamos as crianças pesquisadas. Dedicamo-nos ao estudo das narrativas de quatro crianças em especial. O critério de escolha se deu pelo fato de essas crianças, dois meninos e duas meninas, permanecerem na escola em período integral e por serem alunos e alunas em comum do professor e da professora investigado/a. Procuramos apreender suas preferências, seus desejos e suas necessidades no que diz respeito às relações de gênero e à maneira como se relacionam e interagem com seus pares e com os adultos, em distintos momentos e espaços, especialmente no contexto escolar, mas também fora dele. Também analisamos as expressões de meninos e meninas das turmas investigadas em relação ao gênero, por meio de diferentes linguagens como desenhos infantis, oralidade e ludicidade. E entrelaçamos as vozes dos sujeitos envolvidos – meninos e meninas, professor e professora. Demonstramos que, embora sejam exercidas práticas de controle, meninas e meninos encontram espaços na rotina escolar para atingir seus desejos.

Por fim, apresentamos as considerações finais esboçando algumas possíveis contribuições, haja vista que o nosso propósito no presente estudo é que seus resultados possam contribuir para que professores e professoras reflitam sobre suas práticas educativas com relação às questões de gênero, enxergando as crianças, ouvindo-as em suas necessidades, respeitando suas diferenças e preferências. Assim, procuramos abrir espaço para novas pesquisas que se debrucem sobre a temática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Imagem 15. Festa de aniversário. Desenho realizado por Elis, 5 anos

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao nos propormos à tarefa de pesquisar as concepções de crianças e de docentes acerca das relações de gênero no contexto da Educação Infantil, percebemos que este era um caminho pouco percorrido no sentido de discussões e estudos, no entanto, atual e extremamente rico de novas contribuições.

Ao entrelaçarmos as vozes dos diferentes sujeitos envolvidos, ao voltarmos o nosso olhar para as construções das identidades de gênero de meninos e meninas, professor e professora, vivenciadas no espaço público e coletivo da pré-escola, nos foram reveladas diferentes formas de ser, além de momentos de conflitos, escolhas e desejos.

Deste modo, essa pesquisa nos mostrou uma instituição de Educação Infantil marcada pela diversidade. Assim, nos deparamos com episódios carregados de tristezas e profundas angústias, como o caso do menino que gostava de brincar com bonecas, mas que sofria os impedimentos de seu pai, encontrando na escola as brechas para satisfazer seus desejos. Episódios de superação, como o caso do professor que teve que enfrentar os mais diversos obstáculos no início de sua carreira, passando por inúmeras provações e “rituais” para se manter e ser aceito em um espaço predominantemente feminino. E episódios menos densos, porém igualmente reveladores, como o caso da menina que usava chinelos de menino, despertando a visão das professoras para a expressão de um modo de ser não admitido.

A entrada e a presença do professor no ambiente pesquisado, bem como as manifestações das crianças que fogem aos modelos idealizados de feminino e de masculino, causaram na instituição certa instabilidade, levando a serem repensadas algumas concepções, que por um longo tempo foram naturalizadas.

Todavia, ao longo do estudo nos deparamos com alguns paradoxos, contradições e ambiguidades. Um deles corresponde à constatação de que ainda se encontra fortemente arraigada na instituição uma educação reprodutora das disparidades de gênero, observada nas relações estabelecidas entre as professoras, professor e meninos e meninas. A professora, principalmente, demonstrou em suas falas, práticas que reforçam no cotidiano escolar os valores da sociedade que oprimem a condição feminina. Muitas dessas práticas e discursos hegemônicos puderam ser apreendidas nas falas das crianças. Entretanto, nos momentos de brincadeiras livres, as meninas e meninos não expressaram quaisquer diferenciações de gênero, de modo que brincavam entre si indistintamente. Assim, nos deparamos com outra contradição.

O período de observações na instituição pesquisada nos permitiu apreender muitas brincadeiras coletivas realizadas entre meninas e meninos que se revezavam exercendo diferentes papéis, sem distinções entre feminino e masculino, importando-se apenas em ter companhia para brincar.

Os momentos de brincadeira livre no parque da escola, na brinquedoteca ou na sala de aula, propiciavam às crianças uma variedade de brinquedos e opções de brincadeiras de faz de conta. Meninas e meninos ocupavam todos os espaços indiscriminadamente. Dessa forma, brincavam espontaneamente com os brinquedos desejados, sem constrangimentos. Várias vezes presenciamos meninos brincando de casinha, cozinhando, cuidando dos filhos e filhas, funções que, muitas vezes, são consideradas como femininas. Em relação às meninas das turmas observadas não foi diferente, muitas brincavam de navio pirata no parque de areia, de caça ao tesouro, polícia e ladrão entre outras brincadeiras mais agitadas, tidas como brincadeiras de meninos.

As ambiguidades encontradas nos relatos e observações das relações e práticas rotineiras adotadas na escola pesquisada remetem ao entendimento de que há um tímido movimento de mudanças. Assim, acreditamos que a escola de Educação Infantil é um espaço propício para reflexões e significativas transformações acerca das questões de gênero.

Vale ressaltar que a tarefa de romper com os modelos hegemônicos, com os preconceitos e tabus presentes na educação de meninos e meninas não é fácil, uma vez que a prática pedagógica que predomina na pré-escola ainda sofre as influências da formação para o magistério tradicional, marcada por binômios como masculino/feminino, aprender/brincar.

Esta investigação nos revelou, para além das especificidades e construções da infância, os diferentes modos de ser de meninos e de meninas em suas interações no ambiente escolar, que ultrapassam os padrões de feminino e de masculino esperados. Proporcionou-nos melhor compreensão da infância e da criança no processo de construção de sua identidade de gênero por meio de suas interações sociais com os adultos e seus pares. Pautamo-nos no enfoque da Psicologia Histórico-Cultural ao defendermos que o/a professor/a tem o papel de apresentar à criança o conhecimento cultural historicamente acumulado, através da mediação educativa, permitindo-lhe a apropriação da linguagem, símbolos, códigos sociais e demais qualidades humanas. Desse modo, cabe ao/à professor/a promover situações em que as crianças possam criar, experimentar, desenvolver suas potencialidades, elaborar hipóteses e expressar seus desejos e necessidades. Para tanto, esse profissional deve reconhecer e respeitar a diversidade, valores, cultura e costumes das crianças, ou seja, reconhecer o lugar social que elas ocupam.

O nosso desafio em tentar compreender as relações e representações de gênero expressas por meninas e meninos, as suas necessidades e desejos e as interações estabelecidas entre eles e elas e entre o professor e a professora, bem como em apreender as diferentes formas de ser professor e de ser professora, ampliou o nosso conhecimento acerca das relações de gênero na infância e no contexto da Educação Infantil.

Esta pesquisa nos apontou para lacunas na formação docente sobre as questões de gênero, diversidade sexual, sexualidade e Educação Sexual. Mostrou-nos a necessidade de uma formação que supere o viés biológico e as práticas baseadas no senso comum, sendo direito dos professores receberem uma formação que considere as especificidades da infância e da educação pré-escolar.

Em linhas gerais, tanto o professor quanto a professora pesquisados afirmaram que o programa curricular dos cursos de formação por eles frequentados não ofereceu espaço para discussão acerca da sexualidade. Ambos expressaram que o assunto foi pouco discutido e quando o foi, aconteceu em situações informais, como parte do currículo oculto, ou em cursos de formação continuada, como a professora Valentina revelou, no entanto, de forma velada e pouco aproveitada pelos docentes.

Desse modo, os professores declararam que os cursos de graduação não trouxeram contribuições para o seu conhecimento em sexualidade e Educação Sexual, não sendo contempladas em seus currículos as distintas temáticas relacionadas à sexualidade e gênero no contexto escolar.

Os relatos dos docentes investigados confirmam que os cursos de formação inicial não preparam os futuros professores para atuar com as questões de sexualidade e gênero, questões de grande relevância para a formação docente.

Nesta direção, acreditamos que a formação do docente deve-lhe proporcionar um profundo conhecimento sobre a infância e a criança, considerando-a como ator social, como protagonista de suas apropriações e conhecimento de mundo. É necessário que o educador e a educadora reflitam continuamente sobre a sua prática, sobre a sua concepção de criança, infância e Educação Infantil, bem como sobre o seu papel na constituição da identidade e personalidade infantil, enquanto educador sexual.

Pautadas nas reflexões que nos permitiram o caminho trilhado, acreditamos que o contexto da Educação Infantil pode ser um importante espaço para a promoção de uma educação emancipatória, um espaço para que as meninas e os meninos possam viver sua infância de forma plena, sem ter que se sujeitar a imposição de padrões femininos e masculinos.

Acreditamos que esse estudo possa trazer contribuições para que os professores e as professoras repensem suas práticas educativas com relação às questões de gênero, enxergando as crianças, ouvindo-as em suas necessidades, respeitando suas diferenças e suas preferências. E que reflitam sobre sua própria condição de docente, sobre as diferentes formas de ser professor e de ser professora, sem que se prendam a um ideal de homem ou de mulher.

Olhar, aceitar e permitir a diversidade presente nas instituições de Educação Infantil é imprescindível para que atitudes e comportamentos deixem de ser considerados como preocupantes e anormais, superando binarismos e sexismos.

Nos limites dessa pesquisa que procurou entrelaçar as vozes de meninos e meninas, professor e professora, por meio de diferentes linguagens como a oralidade, as práticas, a ludicidade e o desenho infantil, acerca das relações de gênero, não pretendemos apresentar fórmulas, e nem é essa a nossa perspectiva. Entretanto, não podemos negar que há um movimento de mudanças positivo no contexto da Educação Infantil, marcado pela entrada de professores homens em espaços considerados como femininos, pela expressão dos desejos infantis, pela superação, ainda que tímida, das barreiras de gênero. Pretendemos, por fim, que este possa ser um começo, uma abertura de possibilidades para novas descobertas, novas pesquisas que se debrucem sobre a temática.